IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL
CARTA PASTORAL DA CÂMARA EPISCOPAL AO 36º SÍNODO GERAL

"Missão, Reconciliação e Paz"

> *"Tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo, e nos confiou o ministério da reconciliação."* (2 Coríntios 5:18)

Ao Povo de Deus na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil,

Que a graça e a paz de Deus, Pai e Mãe de amor, a força libertadora e reconciliadora de nosso Senhor Jesus Cristo e a inspiração transformadora da Ruah Divina, Espírito Santo que renova todas as coisas, estejam com todas e todos vocês!

Reunimo-nos para celebrar o 36º Sínodo Geral de nossa amada Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, de 05 a 08 de novembro de 2026, em Recife/PE, na Diocese Anglicana do Recife, com o tema "Missão, Reconciliação e Paz" sob a inspiração das palavras do Apóstolo Paulo: *"Tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo, e nos confiou o ministério da reconciliação"* (2 Coríntios 5:18).

O Sínodo é tempo de graça e responsabilidade. É tempo de encontro e reencontro, oração e discernimento, escuta e palavra, celebração e compromisso. Reunimo-nos não somente para cuidar dos assuntos necessários à vida institucional da Igreja, mas para nos colocarmos, como Corpo de Cristo, diante de Deus e umas diante das outras, uns diante dos outros, buscando discernir, sob a ação do Espírito Santo, para onde Deus chama esta parte de sua Igreja e que testemunho espera de nós neste tempo da história.

Ao nos reunirmos nesse momento, celebramos também, com gratidão e alegria, os 50 anos de criação da Diocese Anglicana do Recife. Nascida em 1976, em um período de profundas transformações e desafios para a Igreja e para a sociedade brasileira, a Diocese construiu uma história marcada pelo compromisso com o Evangelho, pela busca da justiça, pela defesa da dignidade humana e pela disposição de acolher, servir e caminhar com o povo. Ao recordarmos essa trajetória, reconhecemos não apenas as bênçãos e os frutos de sua missão, mas também os desafios, as feridas e os aprendizados que fazem parte de toda história eclesial. Que este jubileu seja, para a Diocese e para toda a nossa Igreja, ocasião de memória agradecida, renovação da esperança e discernimento dos novos caminhos pelos quais Deus continua nos chamando a participar de sua Missão.

Chegamos de diferentes lugares deste imenso país. Trazemos conosco as vozes, as histórias, os sonhos, as dores e as esperanças de nossas Dioceses, Paróquias, Missões,

Pontos Missionários e comunidades. Trazemos a diversidade dos povos, culturas, biomas e realidades do Brasil. Trazemos também diferentes experiências, compreensões, dons e perspectivas. Não estamos aqui porque somos iguais; estamos aqui porque, em meio a toda a nossa diversidade, fomos transformadas e transformados pelas águas do Santo Batismo, somos alimentadas e alimentados pelo mesmo Pão Eucarístico, bebemos do mesmo Cálice da Salvação e pertencemos ao mesmo Corpo de Cristo, que é a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

Assim como diferentes rios atravessam diferentes terras e, ao encontrar-se, não precisam perder sua origem para formar águas maiores, também nós reconhecemos que nossa diversidade encontra em Cristo uma unidade que não anula diferenças, mas as reúne numa comunhão maior. Somos muitos membros, mas um só Corpo; diferentes são os dons, mas o Espírito é o mesmo; diversas são nossas realidades, mas uma só é a missão que nos reúne: a Missão de Deus.

Queridas irmãs e queridos irmãos, vivemos em um mundo profundamente ferido. Vivemos tempos nos quais a humanidade parece ter aperfeiçoado extraordinariamente os instrumentos para se comunicar e, paradoxalmente, perdido parte de sua capacidade de dialogar. As diferenças políticas, religiosas, culturais e sociais são, cada vez mais, transformadas em trincheiras. Multiplicam-se discursos que convertem divergências em inimizades, diferenças em ameaças e adversárias e adversários em pessoas cuja dignidade pode ser ignorada.

As guerras, os genocídios e conflitos continuam destruindo vidas e esperanças. Milhões de seres humanos experimentam a dor da perda, do deslocamento e da insegurança. A cada guerra, não é somente a geografia política que se altera: rompe-se a teia da vida humana, crianças crescem cercadas pelo medo, famílias são separadas e gerações inteiras carregam memórias que precisarão de muito tempo, verdade, justiça e amor para serem curadas.

Ao mesmo tempo, tensões políticas e polarizações atravessam nações, comunidades e famílias. A violência encontra novas linguagens e novas maneiras de justificar-se. Discursos de ódio desumanizam pessoas, e até mesmo a religião pode ser instrumentalizada para legitimar preconceitos, exclusões e projetos de poder. A criação geme diante da exploração, da devastação e da lógica segundo a qual tudo pode ser transformado em mercadoria. É nesse mundo, e não fora dele, que Deus nos chama a ser Igreja.

Por isso, proclamar neste tempo “Missão, Reconciliação e Paz” não significa escolher palavras confortáveis para um encontro eclesial. Significa aceitar uma vocação exigente. Significa recusar a resignação diante da fragmentação da humanidade e proclamar, com

nossas palavras e sobretudo com nossa vida, que aquilo que parece inevitável aos olhos humanos não possui a palavra definitiva diante da graça de Deus.

A afirmação paulina que orienta nosso Sínodo começa de modo decisivo: "Tudo isso vem de Deus." Aqui encontramos o fundamento teológico de nossa esperança. A reconciliação não nasce primeiramente de nossa boa vontade, de nossa capacidade diplomática ou de nossos consensos eclesiásticos. A reconciliação começa no coração de Deus. Antes de ser tarefa confiada à Igreja, ela é graça recebida; antes de ser estratégia pastoral, é Evangelho; antes de tornar-se programa, projeto ou ação, é iniciativa amorosa do próprio Deus em direção à sua criação.

Deus atravessa a distância. Deus vem ao encontro da humanidade. Em Jesus Cristo, Deus entra profundamente na história humana, assume nossa fragilidade e abre, no interior de nossas rupturas, uma possibilidade nova de comunhão. É deste movimento de Deus em nossa direção que nasce o nosso movimento em direção ao mundo. Por isso Paulo não afirma simplesmente que Deus nos recomendou a reconciliação. A palavra é muito mais exigente: Deus nos confiou o ministério da reconciliação. Esta confiança divina está no coração de nossa vocação.

A reconciliação cristã tem sua fonte em Deus e seu centro em Jesus Cristo. Na vida, morte e Ressurreição de Cristo contemplamos o movimento do amor de Deus que recusa abandonar a criação aos poderes da divisão, do pecado e da morte. Na Cruz encontramos as consequências extremas da violência humana, mas encontramos também o amor que não responde ao ódio reproduzindo a lógica do ódio. E, na Ressurreição, a Igreja recebe a notícia que sustenta sua esperança em cada geração: a violência e a morte não possuem a última palavra sobre a história. A última palavra pertence ao Deus da Vida.

Isso significa que a reconciliação que anunciamos não pode ser uma mensagem dirigida apenas às outras pessoas. Antes de anunciar a reconciliação ao mundo, a própria Igreja precisa deixar-se continuamente reconciliar por Deus. Precisamos reconhecer humildemente as feridas que existem em nosso próprio Corpo, aprender a escutar quando seria mais fácil responder, reconhecer nossos pecados quando seria mais confortável apontar os pecados alheios e renunciar à tentação de transformar nossas convicções em instrumentos para a desqualificação das outras pessoas.

Faz parte desse caminho aprender a discernir entre firmeza e intolerância, autoridade e autoritarismo, convicção e arrogância, unidade e uniformidade. Também somos parte de uma Comunhão Anglicana marcada por extraordinária diversidade cultural, teológica e pastoral e, justamente por isso, chamada permanentemente ao exercício da comunhão. Nem sempre concordamos. Há tensões reais entre nós e questões diante das quais

nossas Igrejas não chegam às mesmas respostas. Todavia, é justamente nesses lugares de diferença que nossa identidade cristã é provada.

Não somos chamados a permanecer em comunhão somente quando concordamos. A comunhão cristã revela sua profundidade quando, diante de divergências reais, ainda somos capazes de reconhecer Cristo umas nas outras e uns nos outros, permanecendo à mesa, orando, escutando, discernindo e recusando toda tentativa de transformar nossas diferenças em justificativas para negar a dignidade ou a pertença das outras pessoas.

Jesus orou ao Pai para que suas discípulas e seus discípulos fossem um, vinculando esta unidade ao testemunho da própria Igreja: *"para que o mundo creia"* (João 17:21). Assim, nossa unidade não é somente assunto interno da Igreja; nossa unidade é parte de nossa missão.

O tema deste 36º Sínodo Geral não pertence apenas aos dias em que estaremos reunidas e reunidos em Recife. Missão, Reconciliação e Paz deverão orientar a espiritualidade, a reflexão teológica, a formação, o planejamento, a pastoral, a ação diaconal e o testemunho público da IEAB nos próximos quatro anos.

Não se trata, portanto, de um tema destinado aos documentos deste encontro, mas de uma convocação à Igreja inteira. Somos chamadas e chamados a perguntar, em cada Diocese, Paróquia, Missão, Ponto Missionário e comunidade, para qual missão Deus nos envia; que reconciliações Deus deseja realizar através de nós; que pessoas deixamos de escutar; que feridas precisam ser reconhecidas e cuidadas; que relações devem ser restauradas; que muros precisam dar lugar a pontes; que silêncios precisam ser rompidos pela palavra profética e que palavras precisam, por sua vez, dar lugar ao silêncio humilde da escuta.

Precisaremos perguntar também que estruturas produtoras de sofrimento precisam ser transformadas, onde a dignidade humana está sendo negada e de que maneira nossos recursos, nossos ministérios e nossa presença pública podem tornar visível a paz de Cristo nos lugares onde Deus nos plantou. Essas perguntas deverão acompanhar nosso discernimento porque missão não é simplesmente algo que a Igreja faz. Missão é aquilo que a Igreja é quando participa da vida e da ação de Deus no mundo.

A missão pertence a Deus. É *Missio Dei*. A Igreja nasce da Missão de Deus e existe para participar dela. O Pai envia o Filho; o Espírito Santo reúne, transforma, capacita e envia a Igreja. Por isso, não possuímos a missão como possuímos um programa entre tantos outros. É a Missão de Deus que nos alcança, nos converte, nos reúne e nos envia.

Cada pessoa batizada é incorporada a esta vocação. Nosso Batismo não é apenas sinal de pertença eclesial, mas incorporação ao Corpo de Cristo e, portanto, participação em

sua vida e missão. É por isso que nossas Cinco Marcas da Missão não devem ser compreendidas como uma lista de tarefas institucionais, e sim como expressão concreta de uma espiritualidade batismal e missionária que alcança a totalidade de nossa existência. As Cinco Marcas da Missão, portanto, não são cinco projetos independentes. Evangelização, discipulado, Diaconia, justiça, reconciliação, paz e cuidado da criação pertencem ao mesmo Evangelho.

Seguimos Jesus Cristo, Deus feito próximo, aquele que atravessou fronteiras sociais e religiosas, acolheu as pessoas consideradas indignas, aproximou-se das periferias de seu tempo, tocou pessoas feridas e colocou no centro aquelas que a sociedade empurrava para as margens. Seguimos aquele que, sendo Senhor e Mestre, tomou uma toalha, inclinou-se e lavou os pés de suas discípulas e seus discípulos. Nesse gesto, toda compreensão cristã de poder é julgada e convertida.

A Igreja, portanto, torna-se reconhecível como Corpo de Cristo quando vive diaconalmente. O serviço não é uma consequência secundária da nossa identidade, mas uma das formas pelas quais essa identidade se torna visível. Nosso anúncio, nossa liturgia, nossa ação pastoral, nossa incidência pública e advocacy e nosso cuidado com a Criação - Tudo isso é missão porque tudo isso participa do movimento do amor de Deus em direção ao mundo. Devemos ainda reconhecer algo que talvez seja mais exigente: quando a Igreja serve, ela própria é transformada. Quando nos aproximamos verdadeiramente das dores, esperanças e lutas do povo, nossas certezas são interrogadas, nossas prioridades são revistas, nossos preconceitos são confrontados e nossos olhos podem aprender novamente a contemplar o mundo com a compaixão de Jesus.

Não podemos falar seriamente de reconciliação sem considerar também a maneira como somos Igreja. Viver sinodalmente significa reconhecer que nenhuma pessoa possui sozinha todos os dons necessários ao Corpo de Cristo; nenhuma ordem ministerial, Diocese, corrente teológica, geração ou região pode pretender esgotar sozinha o discernimento do Espírito Santo. Precisamos umas das outras e uns dos outros. Precisamos das experiências das pessoas mais velhas e das perguntas das pessoas jovens; das vozes do laicato e do clero; do ministério de nossas bispas e nossos bispos; das comunidades grandes e pequenas; das periferias e dos centros; e, especialmente, precisamos estar atentos às vozes que historicamente tiveram pouco espaço em nossas estruturas.

O Espírito distribui seus dons segundo sua graça. Por isso, sinodalidade exige uma disciplina espiritual de escuta: aprender a ouvir antes de responder, discernir antes de julgar, perguntar antes de presumir e orar antes de decidir. Significa também aceitar a possibilidade de que o encontro com a outra pessoa transforme a nossa própria

compreensão. Não construiremos paz no mundo se nossas comunidades forem incapazes de construir relações de paz. Não anunciaremos reconciliação de maneira crível se tratarmos nossas diferenças com agressão, suspeita ou exclusão.

Somos uma Comunhão de Igrejas não porque pensamos exatamente da mesma maneira, mas porque pertencemos a Cristo e, em Cristo, pertencemos umas às outras e uns aos outros. Essa verdade precisa ganhar renovada profundidade em um tempo que parece ensinar que somente é possível conviver com quem concorda conosco.

Nossa tradição anglicana nos desafia a mostrar que outro modo de convivência é possível, no qual podemos discordar sem odiar, defender convicções sem negar a dignidade da outra pessoa, escutar sem abandonar aquilo em que cremos e falar com firmeza sem abandonar o amor. Unidade não significa uniformidade, mas também não pode significar indiferença diante da verdade e da justiça. A Igreja precisa permanecer comprometida simultaneamente com a comunhão e com a sua vocação profética.

A reconciliação cristã não pede que chamemos injustiça de justiça. Não existe verdadeira reconciliação sem verdade; não existe paz duradoura sem justiça; não existe cura sem reconhecimento das feridas. Por isso, a busca da paz nunca pode tornar-se justificativa para o silêncio da Igreja diante da violência, da opressão, do racismo, da discriminação, da violência de gênero, da destruição ambiental ou de qualquer realidade que negue a dignidade humana. A vocação profética exige que a Igreja não se conforme com aquilo que contradiz o Evangelho de Jesus Cristo.

Jesus diz às suas discípulas e aos seus discípulos: *"Deixo com vocês a paz, a minha paz lhes dou; não a dou como o mundo a dá"* (João 14:27). A paz de Cristo, portanto, não pode ser confundida com uma tranquilidade construída sobre o silêncio das pessoas que sofrem, nem com ausência artificial de conflitos ou com manutenção de estruturas injustas para evitar tensões.

A paz do Evangelho é inseparável da justiça, da verdade, do arrependimento, da misericórdia e da restauração das relações. O Cristo Ressuscitado anuncia a paz carregando em seu corpo as marcas da crucificação. Isso nos ensina que a paz cristã não nega as feridas; ela as reconhece, atravessa-as e as transforma em testemunho de que a morte não venceu. É dessa paz que desejamos tornar-nos artesãs e artesãos.

Em tempos de guerra, somos chamados a proclamar o valor de cada vida humana; em tempos de ódio, a recusar toda desumanização; em tempos de polarização, a reconstruir espaços de encontro; em tempos de mentira, a testemunhar a verdade; em tempos de medo, a cultivar a esperança; em tempos de sofrimento, a permanecer ao lado das pessoas feridas; em tempos de devastação socioambiental, a defender a Terra e os povos mais afetados pela destruição.

A reconciliação de Deus possui, portanto, horizonte mais amplo do que nossas relações eclesiais. Em Cristo, Deus está reconciliando consigo todas as coisas. A paz que buscamos alcança pessoas e povos e abraça toda a criação. Nossa preocupação com a justiça humana e o cuidado da Terra formam, assim, dimensões inseparáveis da esperança cristã.

Queridas irmãs e queridos irmãos, chegará o momento em que este Sínodo terminará. As sessões serão encerradas, as delegações retornarão às suas Dioceses e as decisões tomadas precisarão encontrar expressão concreta na vida cotidiana da Igreja. Mas Missão, Reconciliação e Paz precisarão voltar conosco para casa. Precisarão chegar aos nossos altares e púlpitos, à formação cristã, à catequese, às escolas dominicais, ao CEA, aos nossos espaços de formação provinciais e diocesanos, aos projetos missionários e ministérios com crianças e jovens, à nossa ação diaconal e incidência pública, bem como às relações ecumênicas e inter-religiosas, à responsabilidade socioambiental, à administração dos recursos, à presença da Igreja na sociedade, à maneira como utilizamos as redes sociais e, sobretudo, à forma como tratamos umas às outras e uns aos outros. Nos próximos quatro anos, queremos assumir Missão, Reconciliação e Paz como horizonte espiritual, pastoral, teológico e missionário de toda a Igreja.

Missão deverá significar sair de nossa autorreferencialidade para participar corajosamente daquilo que Deus já está realizando no mundo, levando nossas comunidades aos lugares onde a vida é ameaçada, onde existe solidão e abandono, onde há fome de pão, de justiça, de comunhão, de dignidade e de Deus.

Reconciliação deverá significar atravessar fronteiras, restaurar relações e curar memórias, praticar o arrependimento quando ferimos, aprender a pedir e conceder perdão, levantar pontes onde foram construídos muros e permitir que nossa Igreja se torne espaço no qual pessoas diferentes consigam reunir-se ao redor da mesma Mesa.

E Paz deverá significar muito mais do que falar contra a violência. Deverá significar formar comunidades nas quais a violência não determine nossas relações; assumir a justiça como compromisso evangélico; defender a dignidade humana; proteger as pessoas vulnerabilizadas; enfrentar aquilo que produz morte e tornar visível, ainda que de modo imperfeito, o Reino pelo qual oramos diariamente: “Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.”

A Igreja não é salvadora do mundo. Deus é. A Missão é de Deus, a reconciliação é obra da graça de Deus e a paz é dom de Deus. Isso nos liberta da arrogância de imaginarmos que tudo depende de nossa capacidade e, ao mesmo tempo, do desespero que surge quando acreditamos que nossas forças são insuficientes. Somos participantes de uma obra que nos precede e que continuará para além de nós.

Mas o Apóstolo acrescenta que Deus "nos confiou o ministério da reconciliação". O Deus que conhece nossa fragilidade continua colocando em mãos humanas o Evangelho da reconciliação. Confia esta missão a uma Igreja formada por pessoas imperfeitas, a comunidades que também carregam suas feridas e que necessitam permanentemente de conversão.

Por isso, diante de Deus e diante deste mundo amado por Deus, queremos renovar nossa disposição de participar da Missão divina: fortalecendo nossa unidade sem sufocar nossa diversidade; compreendendo o exercício da autoridade como serviço; cuidando pastoralmente umas das outras e uns dos outros; construindo comunidades seguras para acolhimento e amadurecimento da fé; vivendo integralmente as Cinco Marcas da Missão; aprofundando nossa identidade diaconal; fazendo com que nossa adoração nos conduza ao serviço e permitindo que o serviço nos reconduza novamente ao altar.

Esta é a Igreja que somos chamadas e chamados a ser: uma Igreja que anuncia e sabe escutar; que acolhe e serve; que cuida e denuncia aquilo que produz morte; que protege a dignidade humana e a integridade da criação; que atravessa fronteiras e constrói pontes; que não existe para si mesma, mas para testemunhar o Evangelho no mundo que Deus tanto ama.

Que o mesmo Espírito, que sustentou a Diocese Anglicana do Recife ao longo destes 50 anos de caminhada, continue a renovar sua vida e missão, fazendo florescer, das raízes de sua história, novos caminhos de esperança, reconciliação e paz. Que a Ruah Divina sopre novamente sobre nossa Igreja, movendo aquilo que se acomodou, curando aquilo que está ferido, reunindo aquilo que foi dividido e transformando tudo aquilo que produz opressão e morte. Que o Espírito nos conceda sabedoria para discernir, humildade para escutar, coragem para testemunhar, compaixão para servir, perseverança para reconciliar e ousadia para construir a paz.

E quando este Sínodo terminar e retornarmos aos lugares onde Deus nos plantou, que levemos não apenas decisões, documentos e lembranças de nosso encontro, mas uma convicção profundamente renovada: somos o Povo de Deus enviado ao mundo, somos o Corpo de Cristo chamado à Diaconia, somos participantes da Missão de Deus e somos ministras e ministros da reconciliação e da paz.

Porque:
"Tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo, e nos confiou o ministério da reconciliação."

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Recife/PE, 05 de novembro de 2026
36º Sínodo Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Câmara Episcopal da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Bispa Marinez Rosa dos Santos Bassotto, Diocese Anglicana da Amazônia e Primaz
Bispo Maurício Andrade, Diocese Anglicana de Brasília
Bispo Francisco de Assis da Silva, Diocese Sul- Ocidental
Bispo Humberto Maiztegui, Diocese Meridional
Bispo João Câncio Peixoto, Diocese Anglicana de Recife
Bispo Eduardo Coelho Grillo, Diocese Anglicana do Rio de Janeiro
Bispa Meriglei Borges Silva Simin, Diocese Anglicana de Pelotas
Bispo Francisco Cézar Fernandes Alves, Diocese Anglicana de São Paulo
Bispa Magda Guedes Pereira, Diocese Anglicana do Paraná
Bispo Clóvis Erly Rodrigues, Emérito
Bispo Almir dos Santos, Emérito
Bispo Celso Franco, Emérito
Bispo Jubal Pereira Neves, Emérito
Bispo Filadelfo de Oliveira, Emérito
Bispo Saulo de Barros, Emérito
Bispo Renato Raazt, Emérito
Bispo Naudal Alves Gomes, Emérito